

Credores divergem sobre o acordo com o Brasil

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Apesar de o principal negociador brasileiro, Sérgio Amaral, ter considerado a última rodada de negociação com o comitê assessor de bancos credores uma "lua de mel", não é essa a história que contavam ontem banqueiros americanos e europeus. Eles revelavam que houve muita resistência em aceitar os pedidos de emenda e *waiver* que o Brasil deseja e apontavam a frieza do telex que o comitê enviou a todos os bancos credores sobre as negociações. Na mensagem, o comitê apenas avisa que o governo os consultará, sem fazer nenhuma recomendação a favor.

Os banqueiros canadenses, japoneses e alemães foram os mais duros durante as negociações, segundo o vice-presidente de operações internacionais de um banco credor do Brasil que não integra o comitê. "Ainda estamos aguardando o pedido do governo brasileiro e não tomamos uma decisão se vamos concordar ou não. O comitê não chegou nem a mandar uma recomendação para que aceitássemos", disse o banqueiro.

'Waiver' — Na realidade, o comitê de 16 bancos, que coordena as negociações do Brasil com a banca comercial internacional, enviou ontem aos demais credores (pouco mais de 300 bancos) apenas uma cópia do comunicado de imprensa, divulgado na véspera. Nas 20 linhas desse comunicado, o Citibank, que dirige o comitê, se limita a avisar que o governo brasileiro mandará um telex com dois pedidos específicos de mudanças no acordo de reescalonamento da dívida: o *waiver* (perdão) do cumprimento da cláusula sobre do *re-lending* (reemprestimo ao setor privado brasileiro de depósitos dos credores que se encontram congelados há anos no Banco Central) e a emenda da cláusula sobre o desembolso de US\$ 600 milhões de dinheiro novo.

"Parece que estão cantando vitória antecipadamente no Brasil. Muitos bancos ainda precisam votar, para que esses

pedidos do governo sejam aceitos. Acho que até que o Brasil vai conseguir o que quer. Mas não está sendo tão fácil", disse um banqueiro americano. "Nem todo mundo está de acordo em colocar dinheiro novo no Brasil a esta altura. Veja o que está acontecendo no mercado secundário hoje: os títulos do Brasil caíram para 26 centavos por dólar. Quem pode, está se livrando dos títulos da dívida brasileira". acrescentou.

O comunicado do Citibank indica que será preciso a concordância de bancos que representem dois terços do total da dívida, para que as modificações pedidas pelo Brasil entrem em vigor. Só o comitê, porém, já representa cerca da metade desse total e faltariam poucos bancos importantes para se chegar aos dois terços, segundo fontes brasileiras. Com a mudança da atual condição para a liberação dos US\$ 600 milhões (o desembolso está vinculado ao empréstimo do Banco Mundial para a Eletrobrás e o Brasil quer a vinculação com créditos da mesma instituição já aprovados), o governo poderia receber esse dinheiro em poucas semanas, a tempo de usá-lo para pagar os próprios bancos que o estariam desembolsando.

□ A dívida externa é o grande entrave à realização de investimentos no Brasil, sem os quais não pode haver ingresso de novas tecnologias no país. Esta opinião foi expressa, ontem, pelo economista americano Charles Oman, chefe do Centro de Desenvolvimento de Estudos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne economias industrializadas. Oman falou sobre a reestruturação mundial da indústria, tema do ciclo de debates que vem sendo promovido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Brasil é um grande exportador líquido de recursos financeiros.